

**JAQUELINE DO CARMO SOUSA**  
**POS – GRADUAÇÃO: LATU SENSO: ESTUDOS LITERARIOS**  
**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA PERSPECTIVA DOS GÊNEROS TEXTUAIS**

**RESUMO**

Desde o início da alfabetização, a iniciação literária incentiva a criança a aguçar o prazer pela leitura, o que favorece para o enriquecimento do vocabulário no decorrer de sua vida estudantil. No âmbito escolar, a experiência com a leitura, permite a criança romper os horizontes e ampliar o conhecimento do mundo. Este processo auxilia no desenvolvimento cognitivo, nas interpretações e atribuições do sentido, fazendo com que o leitor se torne crítico e reflexivo. A escolha do livro é um importante aliado na formação do leitor, outro fator importante que se deve observar é a expectativa que este livro desperta no indivíduo. Com base neste pressuposto, o presente artigo objetiva apresentar a importância da leitura no cotidiano e no processo de produção de texto.

Palavras chave: Leitura; Gêneros Textuais; PCN.

**ABSTRACT**

From the beginning of literacy, literary initiation encourages the child to sharpen the pleasure of reading, which favors the enrichment of vocabulary during the course of his student life. In the school environment, the experience with reading allows the child to break the horizons and broaden the knowledge of the world. This process aids in cognitive development, interpretations and attributions of meaning, making the reader become critical and reflective. The choice of the book is an important ally in the formation of the reader, another important factor to be observed is the expectation that this book awakens in the individual. Based on this assumption, the present article aims to present the importance of reading in daily life and in the process of text production.

Key words: Reading; Textual Genres; PCN.

## **A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA PERSPECTIVA DOS GÊNEROS TEXTUAIS**

### **APRESENTAÇÃO**

O presente trabalho tem como objetivo construir uma reflexão bibliográfica acerca da utilização dos gêneros textuais em sala de aula. Assim, é importante compreendermos o que existe de específico na teoria dos gêneros face às tradicionais formas de ensino, bem como refletir sobre os caminhos metodológicos que essa teoria permite trilhar em sala de aula.

Para tanto, construiremos um breve apanhado bibliográfico sobre a teoria de gêneros e sua aplicabilidade no ensino de língua materna e literatura. Posteriormente, refletiremos sobre essa prática de ensino a partir de depoimentos de professores de língua portuguesa quanto à utilização e relevância dos gêneros textuais em sala de aula.

Inicialmente, exploramos os resultados colhidos a partir da análise dos dados obtidos na pesquisa realizada, no tocante às observações do desempenho dos alunos com relação aos gêneros textuais. Trataremos dos resultados estabelecendo uma relação entre a leitura e os gêneros textuais. Na sequência, trazemos as amostras por meio de linguagem gráfica, dos dados obtidos por meio do questionário aplicado aos alunos, ao mesmo tempo em que fazemos discussões teóricas acerca das possíveis causas que levaram os estudantes ao desempenho observado.

### **OS GÊNEROS TEXTUAIS**

A primeira denominação de gênero foi apresentada pelo autor Russo Mikhail Bakhtin, que descreveu seu conceito como sendo “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 1979, p. 279), ressaltando a diversidade desses gêneros e sua interação social na diversidade humana. Já os gêneros textuais podem ser conceituados como a realização linguística concreta definida por características comunicativas entre a sociedade, constituindo textos coerentemente estruturados cumprindo sua função na situação comunicativa.

Em se tratando do estudo da língua portuguesa, os Parâmetros Curriculares Nacionais conceituam o texto como principal ferramenta de trabalho, ressaltando que todo texto necessita de uma estrutura organizacional a partir de critérios pré-determinados, como estilo, modo e natureza temática. Assim, é necessário abordá-los em sala de aula priorizando a

classificação dos diversos tipos de gêneros ou a possibilidade de, por exemplo, construir um anúncio como quadrinhos possibilitando aos alunos a percepção da composição dos gêneros em seus diferentes aspectos verbais ou não verbais.

Outro aspecto a ser observado é o fato de que todos os gêneros são passíveis de serem trabalhados em sala de aula, alguns poderão ser lidos, porém não produzidos, como por exemplo: as bulas de remédio ou notícias baseadas em fatos reais, o importante é que trabalhar a diversidade dos gêneros, leva o aluno a compreender que todo texto resulta de um prévio conhecimento textual aprendendo a usá-los através da leitura interpretando sua função, seu alcance no contexto social utilizando na prática da escrita, produzindo então um texto pertinente a este gênero.

Para Bakhtin (2003 p. 287) “a vontade discursiva do falante só pode ser manifestada na escolha de um gênero (conversa formal ou informal) e, sobretudo, na sua entonação expressiva (tom mais seco ou mais respeitoso)”. Quando as pessoas se comunicam elas não trocam palavras ou expressões soltas sem nexos, mas materializam o pensamento de acordo com a necessidade de expressar o que estão sentindo ou pensando. Em se tratando do discurso, a materialização do texto cujo plano organizacional assume uma configuração específica há uma correlação entre os elementos organizacionais e suas condições de produção textual.

Os vários gêneros textuais produzidos no nosso meio social são associados a diversas esferas da sociedade como em áreas de atuação, por exemplo, jornalística, literária, religiosa entre outras. É de suma importância que se particularize os diversos tipos de suportes dos gêneros (onde aparecem), juntamente com a sua configuração (como aparecem).

Estes gêneros tem uma estrutura organizacional básica, denominadas “tipos de ordenação de texto” como a narração, a descrição, a argumentação, a exposição, a conversação. Isso não significa que devemos considerar os textos apenas pela lógica dos modos de organização do discurso.

Neste sentido, ao designarmos o termo de gêneros textuais devemos, sobretudo, falar do sujeito que interage com o texto e com as situações de comunicação que envolve essa interlocução. Em outros termos, o gênero pode ser definido por seus diversos aspectos sociocomunicativos e funcionais, onde surgirá a pluralidade textual e expressa nos mais

variados tipos de gêneros, que surge da necessidade do sujeito de se expressar atendendo a delimitados objetivos.

Nesta perspectiva, trabalhar em sala de aula com as características estruturais dos gêneros não é o suficiente para melhorar o desempenho do processo de ensino/aprendizagem em sala de aula, pois tão somente isso não os ajudará desenvolver a leitura e a escrita. Este trabalho na escola presume um modo ímpar de relacionar a linguagem com as diretrizes estabelecidas pelos parâmetros curriculares da língua portuguesa

Assim, a comunicação se valida por intermédio dos textos, possibilitando aos discentes a oportunidade de refletir e produzir textos de forma adequada a cada situação comunicativa na qual interage com o grupo. A melhor opção para ensinar os gêneros textuais é envolvendo os alunos em situações palpáveis do uso da língua, de maneira que consigam, de forma crítica e reflexiva, escolher os meios aplicáveis aos fins que se deseja obter. Conscientizar-se de que a escola é um local de interação e as situações escolares ocasionam-se como meio de produção e recepção de textos.

É importante ressaltar que esses modos de enunciação de texto assumem uma função específica quanto á constituição do mesmo em prol da finalidade comunicativa que a este engloba. Por exemplo, não há como o locutor narrar um fato através de um sermão ou descrever um soneto. Para tanto há de se levar em consideração a estrutura organizacional e a especificação de cada gênero.

Nesse sentido, os diversos textos estudados em sala de aula retratam justamente os assuntos relacionados entre si abrindo margens para uma diversidade de gêneros que são conhecidos por suas características peculiares e nos dizem muito sobre sua funcionalidade no texto com base no nosso conhecimento de mundo, ou porque participam das diversas situações comunicativas cotidianas na sociedade. Assim, segundo Bakhtin (1992):

As formas da língua e as formas típicas de enunciados, isto é, os gêneros do discurso, introduzem-se em nossa experiência e em nossa consciência conjuntamente. (...) Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, menos ainda, é óbvio, por palavras). Os gêneros do discurso organizam nossa falada mesma maneira que a organizam as formas gramaticais (sintáticas).Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou

seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível. (1992, p.302).

Dada afirmação de Bakhtin, implica em considerar que a fala não está previamente organizada precisando de uma referência para o desenvolvimento da mesma onde o sujeito se apropria dos gêneros para utilizá-la coerentemente. Daí a importância de conhecer os diversos tipos de gêneros, considerando que estes facilitam a compreensão e a interpretação do texto, aguçando o conhecimento.

Quando se trata de produção de gêneros textuais, o tema é amplo, procuramos delimita-lo através de referenciais teóricos voltados a análise e perspectiva dos gêneros estudados, para adquirirmos conhecimento acerca aos conteúdos aqui expressos, tomamos como bases leituras como Bakhtin (1979), Paulo Freire (1989), Kleiman (1995), Infante (2000), Silva (1999) e Soares (1998). Marcuschi (2005), dentre outros autores que retratam a sobre os temas afins, apresentando seus pensamentos e suas reflexões.

Para melhor compreensão dos gêneros textuais, citamos Marcuschi (2005):

Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo (...) carta eletrônica bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante (MARCUSCHI, 2005, 21 et. seq.).

Para Marcuschi (2005), diferentemente da limitação de se classificar os textos quanto ao tipo, o conceito de gênero textual apresenta suas peculiaridades em relação à diversidade de gêneros. Para ele, grande parte da manifestação da linguagem se dá por meios textuais, os quais surgem junto com as diferentes atividades e que estão ligados a diversos gêneros textuais.

Essa diversidade de textos que podem ser trabalhados em sala de aula é conhecida por suas características próprias e nos retratam as suas funcionalidades, com base no nosso conhecimento de mundo e nas diversas situações comunicativas cotidianas na sociedade. Assim, segundo os PCN (2001):

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo p que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. Qualquer leitor experiente que conseguir analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê: a leitura fluente envolve uma série de outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência. (PCN, 2011 p 53).

A partir dessa reflexão, um leitor competente é capaz de selecionar e consegue utilizar estratégias adequadas para a abordagem de maneira a compreender a diversidade dos gêneros textuais. O aluno utiliza a língua materna como base para aprender a ler e interpretar a diversidade textual.

Assim, para que o leitor amplie o contato com uma maior variedade de gêneros, é necessário que se desenvolva e se amplie a leitura e, por conseguinte, a produção escrita de parte desses gêneros. O conhecimento adquirido através da leitura oferece inúmeras oportunidades de aprendizagem, em que o indivíduo consegue fazer inferências a partir de seus conceitos previamente estabelecidos, para a verificação de suas suposições. Logo, quanto mais se lê, tem-se uma melhor capacidade de interpretação e produção textual.

Para tanto, o desenvolvimento da leitura requer a interação com uma diversidade de gêneros textuais, uma vez que esses textos fazem parte de todas as esferas cotidianas do leitor. A partir desse pressuposto, nas palavras de Geraldí (1996):

Aprender a ler é ampliar as possibilidades de interlocução com pessoas que jamais encontrarem frente a frente e, por interagirmos com elas, sermos capazes de compreender, criticar e avaliar seus modos de compreender o mundo, as coisas, as gentes e suas relações. Isto é ler. E escrever é ser capaz de colocar-se na posição daquele que registra suas compreensões para ser lido por outros e, portanto, com eles interagir. (GERALDI, 1996 pp 70-71).

Aprende-se a ler ou a escrever, não a partir de repetições sem sentido, mas a partir de situações concretas a assimilações onde o leitor sabe o que está fazendo sendo capaz de atribuir um significado ao que lê e escreve de tal maneira, desenvolve as estratégias de leitor e produtor textual.

Nesse aspecto, é necessário que o docente da língua portuguesa organize variados momentos de leitura e interação com diferentes gêneros, principalmente para os alunos que não são acostumados a participem do ato da leitura. Por isso, é essencial que o professor envolva seus alunos, despertando neles o interesse pela leitura, por meio de metodologias que estimulem o conhecimento por novos gêneros textuais.

Assim, afirmamos que os professores devem se apresentar como principais atores de mediação entre a criança e o texto. Eles é que irão traçar os caminhos que as crianças irão percorrer para o desenvolvimento dos diversos processos de leitura vinculados aos gêneros, não deixando que esse processo se torne mera decodificação linguística, mas sim processos linguísticos consistentes, nos quais os alunos formam suas opiniões sobre os textos e sobre o mundo em que vivem.

Nesse sentido, ao professor cabe se valer de processos de letramento vinculados aos gêneros como forma de aprendizagem, trabalhando em suas aulas metodologias, para que os alunos tenham acesso, compreendam e façam uso de informações contidas nos textos, lendo e compondo gêneros textuais essenciais para a sua formação social, escolar, científica e cultural.

## **REFLEXÕES SOBRE LETRAMENTO**

Conceitua-se letramento como a culminância do ato de ensinar a ler e a escrever, onde o aluno na condição de indivíduo socialmente inserido no meio em que vive, apropria-se de um meio comunicativo onde é denominado um letrado, ou seja, o indivíduo passa a ler e escrever fluentemente, sendo o letramento caracterizado pela ampliação do processo de alfabetização. Kleiman (1995) define letramento como:

Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos [...]. As práticas específicas da escola, que forneciam o parâmetro de prática social segundo a qual o letramento era definido, e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizado ou não alfabetizado, passam a ser, em função dessa definição, apenas um tipo de prática – de fato, dominante – que desenvolve alguns tipos de habilidades, mas não outros, e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita. (1995, p. 19).

Os diversos níveis de letramento são denominados através da variedade de gêneros textuais que o indivíduo conhece ao longo da sua convivência social. Quando a criança vive em um ambiente rico de leitura enriquece seu nível de letramento e conseqüentemente melhora seus níveis linguísticos. Muitos estudiosos afirmam que diversos fatores interferem na aprendizagem da língua escrita. Estes fatores determinam o nível de letramento. Segundo Soares (2005).

Durante muito tempo, era considerado analfabeto o indivíduo incapaz de escrever seu próprio nome. De um tempo pra cá, o que define este indivíduo como analfabeto ou alfabetizado é o saber escrever um bilhete simples ou um recado, que são ações da escrita que a fazem ser uma prática social. Ser alfabetizado hoje significa incorporar práticas da leitura e da escrita, adquirir competência para usá-las, envolver-se através de livros (assim como jornais, revistas, etc.), saber preencher formulários, escrever cartas, localizar-se em catálogos telefônicos, compreender uma bula de remédio entre outros. (2005, p. 21)

Para Paulo Freire (1984 p. 24) “o domínio sobre os signos linguísticos escritos, mesmo pela criança que se alfabetiza, pressupõe uma experiência social que o precede – a da 'leitura' do mundo”. Expressando o conceito de letramento em suas palavras.

Os conceitos de letramento acompanham os mais variados adjetivos objetivando assim a delimitação de cada uma de sua dimensão. Hoje é possível ampliar este conceito nas mais diversas disciplinas como o letramento matemático, o letramento literário, musical, digital e científico. Tal variedade vem ao longo dos anos sendo objeto de estudos e análises reflexivas sobre o tema.

Assim, concordamos com Paulo Freire quando advoga que (1989 p. 59) “O ato de estudar, enquanto ato curioso do sujeito diante do mundo é expressão da forma ser dos seres

humanos, como seres sociais e históricos, fazedores, transformadores, que não apenas sabem, mas sabem que sabem”.

Para tal afirmação podemos ressaltar que o papel do professor no ato de ensinar transforma o aluno em um indivíduo alfabetizado e isso se dá devido às diversas formas de incentivo da leitura e produção textual, utilizando-se de exercícios e blocos de atividades o aluno pode fixar melhor a interpretação e compreensão textual.

Em se tratando de ferramentas para trabalhar melhor a leitura e produção de texto, o professor pode valer-se de materiais didáticos pedagógicos utilizando também a cultura digital ao seu favor, assim como jogos, material lúdico e brincadeiras. O professor além de mediar o conhecimento pertinente ao gênero discursivo, precisa trabalhar a funcionalidade da linguagem e expressões. Pois assim o indivíduo exerce sua função como ser social e adquire autonomia, criticidade e reflexividade no modo de agir.

A diferença entre trabalhar uma prática de letramento e desenvolver nos alunos competências e habilidades voltadas para este tema predomina na concepção de leitura e produção de texto como tema chave para se chegar a um nível de competência do indivíduo letrado. O ideal é que o indivíduo parta de uma concepção de leitura e escrita como prática para a produção de gênero discursivo com multifuncionalidade.

Assim, segundo Vygotsky:

O significado das palavras é um fenômeno de pensamento apenas na medida em que o pensamento ganha corpo por meio da fala, e só é um fenômeno na medida em que esta é ligada ao pensamento, sendo iluminada por ele. É um fenômeno do pensamento verbal, ou da fala significativa – uma união da palavra e do pensamento (1993, p. 104).

O ato de escrever, para Vygotsky, consiste no significado formal que requer um número de palavras maiores do que a fala, onde o sujeito, para transmitir uma ideia, utiliza de recursos como gestos e expressões faciais, que facilitam a comunicação.

Em relação à leitura é necessário que o aluno saiba distinguir entre ler e interpretar o texto estabelecendo uma intercomunicação entre o autor aprendendo a ler decodificando os

símbolos presentes no meio em que vive. Neste sentido, ao ler o discente estabelece a comunicação com textos por meio da compreensão e elaboração formal do mesmo.

Para tanto, contato com a leitura não se limita somente aos anos iniciais escolares, mas desde o princípio da fala, ou seja, o aluno deve chegar à escola já um bom leitor, interpretando o mundo em sua volta dando significado aos códigos e objetos. Se isto não acontece, cabe ao educador atentar as mais diversas dificuldades que seus educandos deparam quanto à leitura. Cabe ao educador criar o hábito de leitura em seus alunos lidando com a valorização do conhecimento que o aluno traz de casa, a partir daí ele deve desenvolver estratégias de leitura e produção de textos abrindo um leque para a discussão e proposta de ensino/aprendizagem que favoreçam a concepção de outras disciplinas.

A leitura e interpretação são fatores primordiais para o conhecimento dos diversos gêneros, uma vez que ler, é a interlocução com textos a partir da compreensão e codificação das palavras. A leitura possibilita ao aluno orientar-se como ponto de partida para o reconhecimento de diversos gêneros presente no cotidiano e posteriormente incluir outros, com isso, o aluno pode valer-se do conhecimento do mundo em que vive para aprender a ler e produzir os mais variados textos existentes em seu meio. Os textos familiares com linguagem conhecida facilitam a interação e serve de base para o conhecimento dos gêneros mais formais.

A leitura, a escrita e a interpretação na escola é fundamental para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem, mas é indispensável que os textos e a relação metodológica que se estabelece com eles façam sentido para o aluno. Isso significa que o professor deve trabalhar com as diversidades de gêneros textuais e as modalidades que caracterizam a leitura e o contexto social, cultural e histórico dos seus alunos.

Nesse sentido, aliando a perspectiva dos gêneros textuais aos princípios de letramento, o objetivo principal deve ser formar leitores capazes de compreender os diferentes textos com os quais confrontam no cotidiano escolar.

Soares afirma que o letramento:

[...] Implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos – para informar ou informar-se, para interagir com os outros,

para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar, para apoio á memória, para catarse...: habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de texto; habilidades de orientar-se pelos protocolos, ao escrever: atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstancias. Os objetivos o interlocutor [...] (SOARES, 2001. P 92).

Em virtude disso é importante que o professor, consciente do seu papel de mediador, promova a alfabetização na perspectiva do letramento, proporcionando a construção de habilidades para o exercício efetivo da escrita. Para os professores então, é preciso organizar as metodologias para romper paradigmas de que ler é simplesmente decodificar ou converter letras em sons. Muito pelo contrário, formar leitores é oferecer aos alunos inúmeras oportunidades, utilizando os procedimentos que os bons leitores usam, é preciso que saibam se antecipar à leitura, que façam inferências a partir do conhecimento prévio e das experiências vividas antes do ambiente da sala de aula, ou seja, é importante que tenha a capacidade de ler uma diversidade de gêneros textuais de maneira autônoma.

Essa circunstância requer do aluno uma atividade crítica e reflexiva que facilite a compreensão das estratégias de interpretação textual. Diante do exposto, os PCN afirmam:

Para aprender a ler, portanto, é preciso interagir com a diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que os já leitores fazem deles e participar de atos de leitura de fato; é preciso negociar o conhecimento que já se tem e o que é apresentado pelo texto, o que está atrás e diante dos olhos, recebendo incentivo de ajuda de leitores experientes (PCN 2001 p.56).

Logo, para formar bons leitores e desenvolver nos alunos mais do que a capacidade de ler as palavras no papel, despertando neles o gosto e o compromisso com a leitura, a escola deve mobilizar-se inteiramente. Isso requer esforços de toda comunidade escolar. É preciso que o professor desenvolva uma prática pedagógica de leitura que desperte e cultive o desejo de ler nos alunos.

Além disso, o professor também precisa planejar as atividades, garantindo o espaço de leitura inserido nas demais disciplinas, possibilitar o empréstimo de livros da escola sugerindo títulos que trabalhem as diversidades dos gêneros textuais. Aliado a isso, o professor deve

compreender a importância de se trabalhar a diversidade de gêneros digitais presentes hoje na realidade de todos os alunos.

Daí a importância de ver a sala de aula como um ambiente que possa promover o domínio de capacidades específicas de letramento, onde o professor deve observar a interação do aluno com as diversidades dos gêneros textuais e compreender quais gêneros são mais importantes para o letramento dos seus alunos. A leitura fornece ao aluno um leque para melhorar a escrita, portanto é importante que o professor trabalhe projetos de leitura que desenvolva essas competências para que os alunos não só leiam superficialmente, mas compreendam o sentido do texto tornando-se um leitor fluente e proficiente.

No que se referem às produções textuais, os alunos apresentam dificuldades de expor o ponto de vista, agrupar frases e parágrafos, grafar corretamente as palavras dentre outras, uma das prováveis razões para desenvolverem esta dificuldade deve-se à falta de prática de leitura e produção de texto bem como poucos recursos pedagógicos de incentivo a mesma.

Formar escritores com competências e habilidades necessárias para se destacar não tem sido uma tarefa fácil, requer dedicação e conhecimento contínuo. Ademais, provocar situações de produção variadas de formas textuais exige do professor, clareza nos objetivos e metodologias que precisam ser adaptadas à realidade do educando, oferecendo textos de boa qualidade e que chamem a atenção do aluno, técnicas de leitura em formas de grupos. São algumas estratégias didáticas produtivas que permitem ao professor identificar a dificuldade dos alunos bem como desenvolver formas de aprimorá-las.

Nesse sentido, defendemos um ato de ensinar a ler e escrever na perspectiva de possibilitar o aluno a decodificar e dominar uma tecnologia, uma vez que cria condições para formar leitores conscientes e reflexivos. Ciente desses desafios, o professor, deve assumir uma postura de mediador que envolve o conhecimento e o domínio do que vai passar ao aluno. Daí a importância de ver a sala de aula como um espaço de promoção e domínio de capacidades específicas de letramento.

## **A UTILIZAÇÃO DOS GÊNEROS TEXTUAIS EM SALA DE AULA: CONTEXTO E SUJEITO DA PESQUISA**

A coleta de dados aconteceu durante no mês de março de 2017, envolvendo alunos do Ensino Fundamental da Escola Municipal Sebastião Marques de Sousa. A Unidade Escolar está situada á Rua Jordelino José de Ávila Lt 1-5 na cidade de Iaciara-Goiás.

O recorte como escolha foi da turma do 5º ano do Ensino Fundamental para desenvolver o presente estudo, a partir da aplicação de questionários de análise e discussão acerca a leitura e produção textos.

A escolha desta turma foi feita através da análise e discussão e observação com relação ao atual cenário dos anos finais da primeira fase do ensino fundamental, para termos noção do grau de dificuldade dos alunos em relação aos gêneros textuais. Detectamos que grandes partes dos alunos ingressam na segunda etapa, do ensino fundamental chegando ao ensino médio sem o conhecimento mínimo de produção textual. No tocante a turma mencionada, o índice de aproveitamento com relação ao conhecimento, diferenciação e conhecimento dos gêneros trabalhados é baixo.

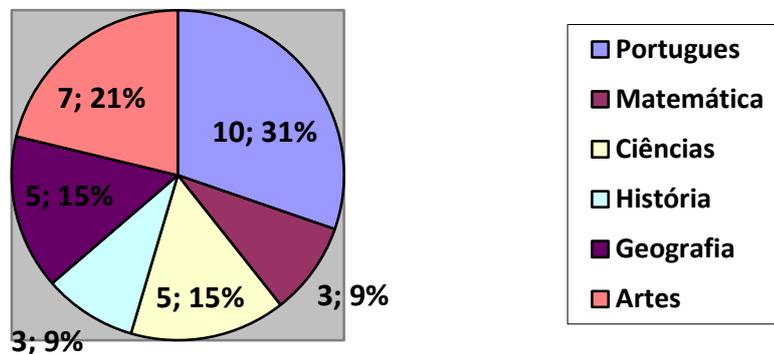
Faz-se pertinente destacar que esta turma tem um número significativo de alunos, o que aumentou o espaço amostral para melhor referenciar no âmbito da coletividade. Ou seja, optei por esta turma com a intenção de desenvolver uma amostra sobre o desempenho dos alunos do 5º ano do ensino fundamental, o objetivo era atingir o maior número de alunos possível.

A escola possui uma boa estrutura física e suas salas têm boas condições de uso. Atualmente dispõe de 07 salas de aula, sanitários, biblioteca e laboratório de informática além de ter espaço suficiente para atender a quantidade de alunos, o espaço é adaptado para receber alunos com necessidades especiais. Possui rampa de acesso aos deficientes, aparência atrativa, o ambiente é muito agradável, no entanto os alunos não se mostram motivados aos estudos.

A pesquisa foi realizada com uma turma de 68 alunos, distribuídas em duas salas, uma em cada período, com o mesmo numero de alunos, ou seja, 34. Assim, propomos aos mesmos respondessem ao questionário apresentado em seguida discutimos em grupo acerca as respostas, dentre fazendo um comparativo entre as turmas.

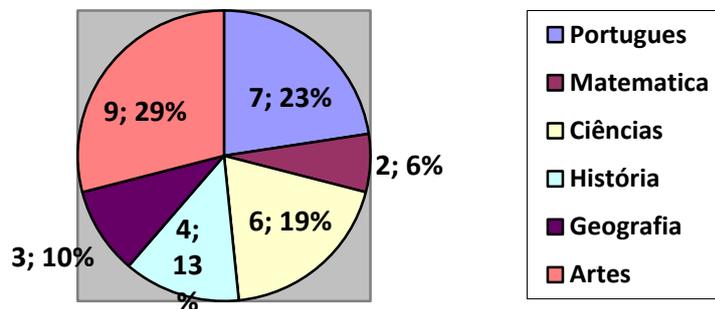
Do total de alunos estavam frequentes somente 33 no período matutino e 30 no período vespertino, para tanto tiramos como base este numero. Quando responderam a questão 1, qual a disciplina o aluno mais gosta de estudar no período matutino, 10

responderam que preferem Português, 03 tem preferência pela disciplina de Matemática, 05 preferem Ciências, 03 preferiram História, 05 preferem a disciplina de Geografia e 07 responderam que gostam da disciplina de artes, a disciplina de educação física é ministrada como forma de recreação, portanto não tiramos como base para nossa pesquisa, assim como a disciplina de religião é trabalhada de maneira interdisciplinar juntamente com as outras disciplinas. Assim representando graficamente temos:



Com relação ao período Vespertino, observamos que um menor número de alunos tem preferência pela disciplina de Português, um total de 07, com relação a disciplina de matemática. 02 alunos somente gostam desta matéria. 6 alunos preferem a disciplina de ciências, enquanto, 4 alunos preferem estudar História, 3 alunos preferem a disciplina de Geografia e 9 alunos tem preferencia pela disciplina de Artes.

Em se tratando do período Vespertino, veja a representação gráfica:



Acerca ao item 2 do questionário que pergunta com qual frequência o professor trabalha a leitura em sala de aula, observamos que ambas as salas deram a mesma resposta, uma vez por semana. Pois as professoras desenvolvem em conjunto os projetos geralmente na mesma data, toda sexta feira elas trabalham leitura com seus alunos através de um projeto denominado “Contando Historia”.

Ao perguntar quantos livros eles já leram no decorrer do ano, ambas as turmas também responderam de maneira igualitária, somente dois, desde quando este projeto foi implantado na sala de aula a professora empresta o livro aos alunos que leem, fazem o resumo e trazem para a escola para apresentarem para os demais colegas, eles contam a história do livro, geralmente são cinco alunos por sexta feira, e eles já estão lendo o segundo livro para apresentarem. Ou seja, os alunos só leem os livros exigidos pela professora, em casa eles não têm acesso a outro tipo de livro, exceto revistas ou jornais.

Com relação ao item 4, ao questionar sobre o conhecimento dos alunos sobre gêneros textuais, eles não souberam responder o conceito mais tem noção de que tem a ver com estruturas de textos. Em se tratando do item 5, do questionário onde pergunto se eles já produziram algum tipo de gênero textual, todos responderam que sim, e me mostraram no caderno as produções que criaram no decorrer deste bimestre, redações do tipo narrativo e descrição bem como alguns poemas. Quando perguntei que tipo de gêneros eles mais gostam de produzir, ficou claro que a maioria gosta de poemas, bem como trabalhar com letras musicais e outros gêneros com a mesma estrutura.

## **DEPOIMENTO DOS PROFESSORES EM ENTREVISTA**

Acerca ao anexo (B), com relação ao questionário com os professores, fiz uma breve entrevista com as duas professoras que ministram aula nesta unidade escolar, a professora (a) ministra no período matutino e a professora (B) no período vespertino.

A professora (A) afirmou trabalhar os gêneros textuais diariamente, todas as disciplinas ministradas têm algum contexto e relação com os gêneros discursivos, porém a culminância do projeto que elabora em conjunto com a professora (B), é toda sexta feira, isso faz com que as turmas sigam o mesmo norte, porém cada aluno tem sua particularidade e suas dificuldades em algum conteúdo, trabalhamos os gêneros de maneira interdisciplinar e apresentamos culminamos os projetos toda sexta-feira, onde trabalhamos a leitura e produção, pois os alunos precisam produzir o que vão contar sobre o livro que leram.

Ambas as professoras afirmaram executar projeto de leitura e trabalham semanalmente onde o aluno escolhe o livro que irá ler e interpretar e apresentar para os demais colegas, eles têm preguiça de ler, porém eles adoram ir à frente e contar sobre o livro para seus colegas.

Questionando-as sobre quantos livros seus alunos já haviam lido esse ano, ambas afirmaram que foram somente dois, questionei ainda sobre qual nota entre uma escala de zero a dez qual nota elas dariam em relação a leitura dos seus alunos, afirmaram na mesma sintonia nota três, pois eles têm muito que melhorar. Em relação a produção textual dos alunos também entre uma escala de zero a dez, obtive nota três da professora (A) e cinco da professora (B), de acordo com as avaliações e os textos que eles já apresentaram, os textos não são muito ruins, quer dizer alguns sobressaem aos outros, tem textos ótimos e tem uns que são péssimos, mais a maioria está mediano, ainda precisam melhorar ortografia e gramática, as vezes confundem um pouco, mais ainda estão no primeiro bimestre, o trabalho será árduo, mas elas sabem que vai valer a pena.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Atualmente, um dos desafios das escolas é o espaço que a leitura, a interpretação e a produção de textos devem ocupar na vida dos alunos, já que existe uma multiplicidade de

gêneros textuais distribuídos nas diferentes séries escolares. Isso demonstra como o trabalho através da leitura e compreensão do texto em sala de aula deve ser um aliado ao estudo da escrita, através das análises sistemáticas que levam o aluno a refletir sobre a composição das palavras e, por conseguinte, ao conhecimento de diversos gêneros textuais.

Com a realização dessa pesquisa, por meio da aplicação de questionários e do depoimento dos professores, pudemos verificar o desenvolvimento dos alunos com relação à leitura e produção de gêneros textuais e demonstrados por meio dos gráficos e discussões os resultados obtidos através desta pesquisa.

Ficaram demonstradas possibilidades e as limitações dos alunos com relação a produção de certos gêneros. Isso possibilitou conhecer melhor estes fatores determinantes no desenvolvimento do ensino-aprendizado dos alunos, ressaltando a importância do ensino do gênero em sala de aula bem como o trabalho prático através das produções de texto, para que estes estudantes cheguem a níveis de letramento compatíveis com seus níveis de escolaridade.

O papel do professor de língua portuguesa é proporcionar que os alunos desenvolvam o letramento adequado para cada gênero trabalhado, no que se refere ao reconhecimento, utilização e produção destes gêneros das diversas situações sociocomunicativas que lhes forem apresentadas. Ao trabalhar estes gêneros em sala de aula faz-se necessário também verificar a aprendizagem dos alunos através de avaliações contínuas e proporcionar o lúdico e o educativo, trabalhando temas atuais juntamente com as novas tecnologias.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. (2001). **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa/** Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental- 3ª edição Brasília –DF.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso.** In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal.* São Paulo: Martins Fontes, 1979, p. 277-326.

\_\_\_\_\_, M. *Estética da criação verbal.* Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed.

São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 14. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler: em três artigos que completam.** São Paulo. Autores associados, Cortez /AUTORES associados, 1985/1989. Coleção Polêmica do Nosso Tempo.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercício de militância divulgação.** Campinas: Mercado de letras (1996)

INFANTE, Ulisses. **Texto: Leitura e escritas.** São Paulo: Scipione, 2000.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor. Aspectos cognitivos da leitura.** 6ª edição: Campinas. (2009).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Gêneros Textuais e ensino. Organizado por Ângela Paiva Dionísio, Anna Rachel Machado e Maria Auxiliadora Bezerra. 3 ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. Páginas 19-36

MARTINS, M.H. (org.) **Questões de linguagem.** São Paulo. Contexto, 1994.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte.** (2000)

\_\_\_\_\_, Magda. **A escolarização da literatura infantil e juvenil”** Belo Horizonte; Autêntica, 2001.